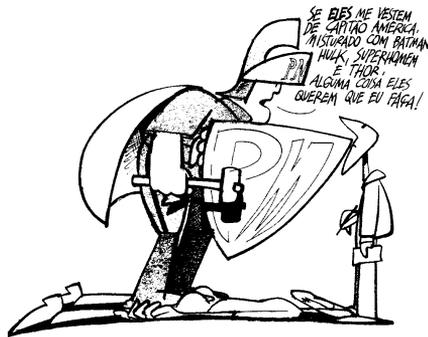


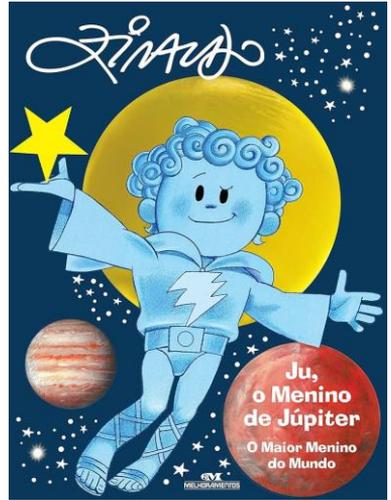
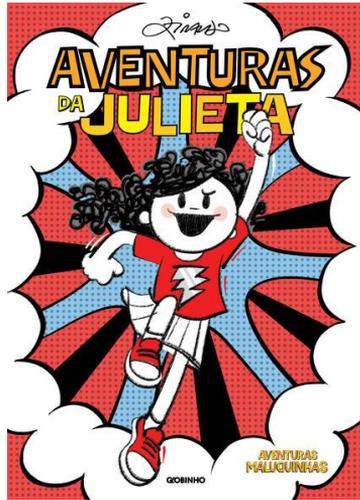
O personagem ‘Jeremias, O Bom’ surgiu em 1965, era a antítese do ‘Amigo da Onça’, que queria levar vantagem em tudo e debochava de todos. Jeremias estava sempre disposto a fazer o bem e ajudar as pessoas, mesmo que elas não o reconhecessem e ele se desse mal no final.

O ‘PM’, de 1970, era um achincalhe com o uniforme da Polícia Militar, que seria espalhafatoso, semelhante ao de um super-herói, segundo Ziraldo.

*Ziraldo*  
**JEREMIAS, O BOM**



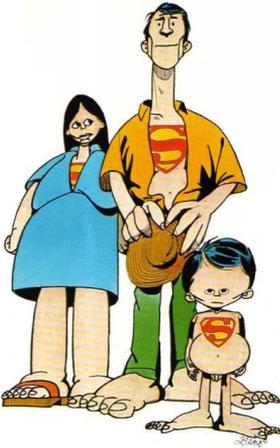
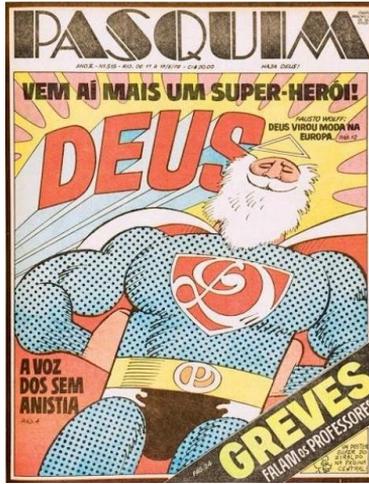
‘Os Zeróis’, paródias dos super-heróis judaicos/norte-americanos, publicados a partir de 1967, se tornaram famosos no mundo inteiro! O super-herói preferido de Ziraldo era o Capitão Marvel, de quem fez paródias na série ‘Os Zeróis’ e aproveitou o símbolo em pelo menos dois de seus personagens, na Menina Maluquinha (a Julieta) e em Ju, O Menino de Júpiter.



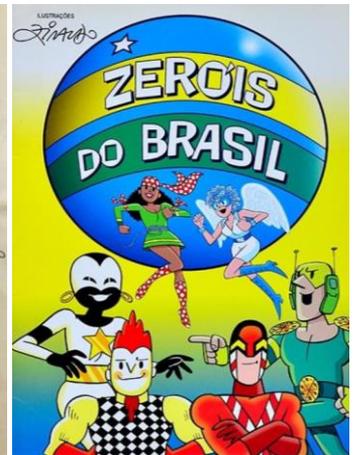
Duas tiras ficaram famosas: ‘Billy Batson no Vietnam’, publicada no período em que a guerra estava acontecendo, e uma outra em que Mary Marvel vem pular carnaval no Brasil e volta com um “brinde”. Quando Ziraldo publicou essas tiras, a revista do Capitão Marvel estava cancelada nos EUA desde 1953 devido a uma batalha judicial com a DC Comics, que alegava que o personagem era plágio do Superman. O personagem só voltaria em 1973, quando foi comprado pela DC, que passou a chamá-lo de Shazam, agora por causa da Marvel Comics, embora no Brasil tenha circulado normalmente pela editora RGE até o ano de 1968, numa coleção que teve 103 edições, e dizem que algumas delas foram desenhadas por brasileiros. Uma HQ brasileira publicada no **Almanaque do Globo Juvenil** de 1964 trouxe um encontro do Capitão Marvel com o Tocha Humana, que eram de editoras diferentes, produzido por Rodriguez Zelis.



Ziraldo tinha uma certa “fixação” no Superman judaico. Criou ‘The Supermãe’, em 1968, uma mãe superprotetora, e uma versão super-heróica de Deus com um uniforme *a la* Superman, em 1979, n’O **Pasquim**. Em 1979, usou referência ao Superman para fazer uma homenagem ao Flamengo, que havia conseguido o tricampeonato, e em várias ilustrações e cartuns.



‘Tancredix’ foi inspirado no personagem titular dos quadrinhos franceses ‘Asterix’, na campanha de Tancredo Neves (04/03/1910 – 21/04/1985) para presidente. Em 2011, Tiago da Silva Hans escreveu **Zeróis do Brasil**, com ilustrações de Ziraldo e personagens originais dessa vez. Ziraldo também criou super-heróis para a publicidade, como o ‘Super-Nacional’ para o Banco Nacional, nos anos 1970; o ‘Super 15’, nos anos 1990, para a Telefônica; além de super-heróis para o Instituto Brasileiro do Café.





Certa vez na minha infância, eu tinha uns 5 ou 6 anos, meus pais iam sair para algum lugar e me deixaram na casa da minha tia e minha prima mais velha, que era adolescente na época, me mostrou o livro **Menino Maluquinho**. Eu já tinha o livro **Pequeno Príncipe**, que foi o primeiro que eu ganhei na vida, aos 2 anos de idade (tenho o exemplar surrado até hoje), e passei a me considerar uma mistura dos dois: eu era loirinho e gostava de desenhos, animais, fazer amigos e ser bonzinho, que nem Pequeno Príncipe, e também gostava de aprontar para valer e gostaria de ter uma namorada também “maluquina”, que nem o Menino Maluquinho.

O livro, de 1980, é praticamente uma HQ, com ilustrações em todas as páginas, inclusive com uso de balões. As HQs propriamente ditas surgiram na **Revistinha do Ziraldo**, publicação da editora Abril que, excessivamente conceitual, durou apenas 6 edições. E depois teve maior sucesso em revista própria, que durou 70 edições pela editora Abril, a partir de 1989, mais 29 edições pela editora Globo, que lançou outras coleções, inclusive da **Julieta**, namorada do Maluquinho (nas primeiras HQs publicadas na **Revistinha do Ziraldo** se chamava Emília) e do **Junim**, da turma do Maluquinho.

As HQs do ‘Menino Maluquinho’ eram tipo um ‘Turma da Mônica proibidão’, pois supostamente eram abordados temas que jamais apareceriam nas histórias da concorrente mais famosa, como, por exemplo, uma HQ que discutiu o aparecimento de seios na Shirley Valéria, a menina pré-adolescente da série, que é a outra “namorada” do “mulherengo” Maluquinho.

Em geral, devido ao uso de balões e ilustrações em praticamente todas as páginas, os livros infantis de Ziraldo poderiam ser chamados de ‘graphic novels’, por exemplo, **Flicts** (1969) e **O Menino Quadrado** (1989), que inicia com uma HQ e se torna prosa no final, representando a transição do menino que lia gibis na infância para o adulto leitor de livros.



A partir de 2007, inicia a publicação da série de 10 livros dos meninos “dos planetas”, mais a “menina da Lua”. O **Bichinho da Maça**, livro de 1982, depois apareceu em HQs na **Revistinha do Ziraldo** e teve tiras diárias em que contracenava com personagens da ‘Turma do Pererê’. As tiras não eram de temática infantil.





Em **Uma História Sem Sentido**, de 2010, cria um super-herói sem nome que morre no final da história.



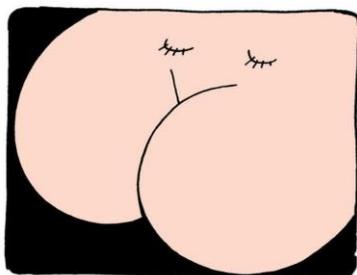
Era uma vez um super-herói que tinha um punhado de hiperinimigos que só pensavam em eliminá-lo e faziam tudo para conseguir realizar seus torpes objetivos.



Por ter tantos amigos trans-perigosos, o herói se cuidava e ficava o tempo todo com os seus sentidos clip-ligados para não ser peg-apanhado de surpresa.



Como o herói não sabia ler, morreu tost-queimado.



DODÓ ERA UMA GRACINHA E VIVIA TODA PROSA COM SEU JEITO REDONDINHO RECHONCHUDA E COR-DE-ROSA.



VIVIA CHEIA DE TALCO DE ÓLEO JOHNSON HIPOGLÓS DE FRALDINHAS PERFUMADAS PALMADINHAS DAS VOVÓS.



TIROU, ENTÃO, OS SEUS JEANS E A FRASE APARECEU – A FRASE CAPRICHADINHA QUE ELA FEZ PRA PROTESTAR!

Foi muito criticado pelo livro infantil **Dodó** (1987), que contava a história de um “bumbum” feminino, de bebê até a adolescência, considerado erotizado para crianças.

‘Isauro, o Brontossauro’ aparecia em 1991 na **Folhinha**, com tiras muito criticadas pelos pais das crianças que liam o suplemento, em especial em uma delas em que ele criticava as crianças.



Ziraldo foi filiado em partidos de esquerda e era considerado um nacionalista, seguidor das ideias do sociólogo Darcy Ribeiro (26/10/1922 – 17/02/1997), um getulista, brizolista, apoiador de João Goulart e opositor do regime militar de 1964. Por todos os conflitos que teve com o governo militar, sendo preso pelo menos 3 vezes, em uma delas por quase 2 meses, recebeu 1 milhão de reais mais uma indenização mensal de 4 mil reais, chamada pelos seus opositores de “vale-ditadura”. Foi criticado inclusive por seu colega de prisão, Millôr Fernandes, que recusou a indenização e comentou: “Quer dizer que aquilo não era ideologia, era investimento?”

Em 2011, foi condenado a 2 anos de prisão por “improbidade administrativa”, respondendo em liberdade. Em 2015, agradou uma parcela conservadora da sociedade ao condenar a presença de personagens lésbicas na novela, afirmando que era apologia ao homossexualismo.

Ziraldo se autodeclarava o continuador do legado do escritor infantil Monteiro Lobato (18/04/1882 – 04/07/1948) e, assim como seu ídolo, também se envolveu em debates sobre o racismo. Ziraldo tinha um personagem chamado **Menino Marrom** (1986), um menino negro, ou mulato, como Ziraldo preferia, enquanto o **Menino Mais Bonito do Mundo** (1983) era um menino louro pelado. Depois disso ele tentou emplacar **Os Meninos Morenos**, em 2004, mas novamente não foi bem aprovado. Em maio de 2024, pouco após a morte de Ziraldo, o livro foi proibido de circular nas escolas de Conselheiro Lafaiete, zona central de Minas. Além de considerarem um livro de teor racista, os meninos do livro, o menino “marrom” e seu melhor amigo, o menino “cor-de-rosa” (um menino branco), especulam fazer um pacto de sangue se cortando com uma faca, mas acabam desistindo e usando tinta de caneta. Em junho, a censura foi derrubada por um juiz.

Em 2011, Ziraldo defendeu Monteiro Lobato, desenhando um cartum do escritor de Taubaté pulando carnaval ao lado de uma mulata: “Para acabar com a polêmica, coloquei Monteiro Lobato sambando com uma mulata. Ele tem um conto sobre uma neguinha que é uma maravilha. Racismo tem ódio. Racismo sem ódio não é racismo. A ideia é acabar com essa brincadeira de achar que a gente é racista”.

Lobato tem atualmente sua obra mutilada com a exclusão de termos considerados pejorativos para afro-descendentes. Devemos construir uma nação fraterna e não dividida, repleta de otimismo, e não cheia de grilos! Considero muito mais produtivo para elevar a autoestima da população brasileira, ao invés de se adular a língua portuguesa ignorando a semântica das palavras, que se divulgue mais o nome dos grandes vultos negros que se destacam no Brasil desde o século XVII, por exemplo, Henrique Dias, o negro que libertou Pernambuco dos Holandeses, Machado de Assis, os irmãos Rebouças, Nilo Peçanha, o primeiro presidente negro do Brasil (muitos anos antes do tal Barack Obama) e principalmente Arlindo Veiga dos Santos e Guerreiro Ramos, os maiores intelectuais negros que já apareceram no Brasil, que são eclipsados para que sua influência não se faça presente. Apagam da História Nacional todos esses negros cultos e heroicos que citei e colocam como exemplo da cultura negra cantores de *funk* ou *trap* (um *rap* piorado), importando o que de pior existe no *black power* dos EUA, a apologia ao crime do *gangsta rap* e a promiscuidade da música *pop*.

Monteiro Lobato previu tudo isso em **Choque das Raças** (1926)!

